

ANÁLISE DE AMBIGUIDADE LEXICAL EM MÚSICAS

Adriana Hotz Tavares (FASAR)
adrianatavares@unipaclafaiete.edu.br

1. *Ambiguidade*

Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) considerado o precursor na discussão sobre as metáforas, em *Poética* define metáfora como “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (ARISTÓTELES, 1959, p. 312)

Segundo Tânia Serrano Nakamura a função da ambiguidade é sugerir significados diversos para uma mesma mensagem. É uma figura de palavra e de construção. Embora funcione como recurso estilístico, a ambiguidade também pode ser um vício de linguagem, que decorre da má colocação da palavra na frase. Nesse caso, deve ser evitada, pois compromete o significado da oração.

Mattoso Câmara (1986) apresenta a seguinte definição de ambiguidade: “Circunstância de uma comunicação linguística se prestar a mais de uma interpretação; a antiga retórica grega focalizou-a na construção da frase sob o nome de *Anfibologia*”.



Figura 1 – Exemplo de ambiguidade.

A ambiguidade pode se originar do fato da frase ter uma estrutura sintática suscetível de várias interpretações. O que gera a ambiguidade são as diferentes possibilidades de reorganizar as sentenças, ou seja, possibilidade de ocorrência de diferentes estruturas sintáticas na mesma sentença. Assim, na frase a seguir há duas interpretações:

O magistrado julga as crianças culpadas.

- a) O magistrado julga que as crianças são culpadas.
- b) O magistrado julga as crianças que são culpadas.

Existem várias classificações para a ambiguidade. É o que segue.

1.1. Ambiguidade sintática

A ambiguidade sintática é aquela em que a mesma estrutura de superfície sai de duas (ou mais de duas) estruturas profundas diferentes, ou seja, não é necessário interpretar cada palavra individualmente como ambígua, mas se atribui a ambiguidade as distintas estruturas sintáticas que originam as distintas interpretações: uma sequência de palavras pode ser analisada em um grupo de palavras de vários modos.

Exemplo: Jorge ama Rosa tanto quanto João.

É possível inferir que:

- a) Jorge ama Rosa tanto quanto João ama Rosa.
- b) Jorge ama Rosa tanto quanto ele ama João.

1.2. Ambiguidade de escopo

A *ambiguidade de escopo* sempre envolve a idéia de distribuição coletiva ou individual.

Exemplo: As meninas tinham 6 bonecas.

Pode-se interpretar que cada menina tem 6 bonecas ou que 6 bonecas são distribuídas entre todas elas.

1.3. Ambiguidade semântica

Para o professor Dílson Catarino, esta não é gerada pelos itens lexicais nem na estrutura sintática e nem no escopo da sentença,

mas sim pelo fato de os pronomes poderem ter diversos antecedentes.

Exemplo: Encontrei João correndo no vale.

Não fica claro na sentença quem corria no vale. João ou eu?

1.4. Ambiguidade visual

São imagens nas quais vemos coisas diferentes, conforme o enfoque. Com tais imagens, deve-se procurar sempre algo a mais do que o primeiro olhar nota.

É o que se observa na imagem a seguir, em que é possível ver uma mulher sentada à penteadeira, ou uma caveira.



Figura 2 – Exemplo de ambiguidade visual.

1.5. Ambiguidade lexical

A *ambiguidade lexical* consiste na dupla interpretação que incide apenas sobre o item lexical. Segundo Mattoso Câmara (1986), a ambiguidade é consequência da homonímia, polissemia e deficiência dos padrões sintáticos.

A *homonímia* ocorre quando os sentidos da palavra ambígua não são relacionados:

Exemplo: Preciso limpar minha manga. (Manga – fruta / Manga – parte do vestuário)



Figura 1- Exemplo de homonímia.

Já a *polissemia* ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si.

Exemplo: Guarda: roupa, chuva, municipal – porque ambos protegem.



Figura 2- Exemplo de polissemia.

A ambiguidade lexical será o principal foco deste artigo sob o prisma de sua aplicabilidade nas músicas.

2. *Análise das músicas sob o prisma da ambiguidade lexical*

Dentro de um mesmo estilo musical há frases em que é possível perceber a duplicidade de sentido sem dificuldades e outras nas quais a ambiguidade está em entrelinhas. É o caso do sertanejo caipira, que é a execução composta e executada das zonas rurais, do campo, a antiga moda de viola; e o breganejo, que consiste em uma nova roupagem do sertanejo de raiz que tem pouca temática rural a fim de agradar habitantes de cidades grandes. Na diferenciação dessas ramificações do sertanejo, principal enfoque de estilo musical desta pesquisa, observa-se que ambas apresentam ambiguidade lexical, mas que se dão em diferentes níveis de percepção.

Observe:

No Sertanejo de raiz:

A Caneta e a Enxada

Zico e Zeca

Composição: Capitão Barduíno e Teddy Vieira

Certa vez **uma caneta foi passear** lá no sertão
Encontrou-se com **uma enxada, fazendo uma plantação**.
A enxada muito humilde, foi lhe fazer saudação,
Mas a caneta soberba não quis pegar na sua mão.
E ainda por desaforo lhe passou uma repreensão.

Disse a caneta pra enxada não vem perto de mim, não
Você está suja de terra, de terra suja do chão
Sabe com quem está falando, veja sua posição
E não se esqueça a distância da nossa separação.

Eu sou a caneta dourada que escreve nos tabelião
Eu escrevo pros governos a lei da constituição
Escrevi em papel de linho, pros ricos e barão
Só ando na mão dos mestres, dos homens de posição.

A enxada respondeu de fato eu vivo no chão,
Pra poder dar o que comer e vestir o seu patrão
Eu vim no mundo primeiro quase no tempo de Adão
Se não fosse o meu sustento ninguém tinha instrução.

Vai-te caneta orgulhosa, vergonha da geração
 A tua alta nobreza não passa de pretensão
 Você diz que escreve tudo, tem uma coisa que não
 É a palavra bonita que se chama... educação!

No breganejo:

Lembranças De Amor

Victor e Leo

Composição: Victor Chaves

Veja só
 Sei que palavras não consertam nada
 Mas eu acho que é melhor
 A gente conversar

Afinal
 O nosso caso não difere de outros casos
 Que acabaram mal
 E só pra te lembrar

Eu já sofri demais
 Mas longe de você
 Sofrerei bem mais

Refrão:
 Preciso te dizer o que acontece com meu sentimento
 Chego em casa, não te vejo
 O meu desejo é te **ligar correndo**
 E pouco a pouco, **a solidão e o silêncio me abraçam**
 Minha alegria passou
 Só as lembranças de amor, não passam...

“A caneta e a enxada” enquadra-se no sertanejo de raiz. Esse apólogo de sucesso até hoje foi lançado em 1956 na gravadora Colúmbia inaugurando a dupla Zico e Zeca. Infere-se a percepção pelo caipira do distanciamento entre as classes sociais: essa canção tem implícita uma metáfora sutil na qual a *caneta* representa a classe de pessoas que dominam as ciências humanas ou exatas, os detentores do conhecimento e a *enxada* representa as pessoas que trabalham nos campos, nos sertões; que ganham a vida com o trabalho braçal. Sendo assim, observa-se o emprego de uma *ambiguidade lexical* porque ocorre nos termos “caneta” e “enxada”,

isto é, no *elemento lexical*. Outro ponto a ser considerado é a maneira com que as palavras são pronunciadas nessa música. Os cantores Zico e Zeca fazem juz a música caipira e pronunciam “prantação” ao invés de plantação, “pusição” ao invés de posição e deixam claro o sotaque nas consoantes L e R em termos como alta e orgulhosa. Além disso não usam o plural de maneira adequada, dizendo “pros ricaço” no lugar de “para os ricaços” e “dos homi” no lugar de “dos homens”. Isso dá à música naturalidade e remete ao verdadeiro sertanejo de raiz. Um último fator a ser destacado é o tipo de instrumentos usados (como a viola) e a falta de tecnologia: a música gravada não passou por montagens computadorizadas.

A segunda canção, “Lembrança de amor” enquadra-se no breganejo e tornou-se um enorme sucesso nos últimos meses. Apresenta *metáforas* de identificação mais clara. É o que pode ser observado na seguinte sentença, por exemplo: “Te ligar correndo” – ao ouvir essa frase, fica claro que o autor não referia-se a ação de correr, andar rapidamente, mas ao fato de que ele ligaria imediatamente após chegar em casa. Um outro exemplo nesta canção é a expressão: “a solidão e o silêncio me abraçam” – sabemos que solidão e silêncio são substantivos abstratos e que não poderiam abraçar um ser humano. Trata-se da relação de envolvimento que esses sentimentos estabelecem com o eu-lírico.

Deste modo, observa-se novamente um caso de *ambiguidade lexical* porque a duplicidade de sentido está no emprego da *conotação* das palavras. Ressalta-se ainda o uso de vocabulário comum do dia-a-dia, sem predominância de sotaque. O instrumental é mais elaborado, com uso de teclado e outros instrumentos não encontrados no sertanejo de raiz. Além disso, as músicas são feitas com apoio de recursos tecnológicos que melhoram a voz dos artistas e fazem as canções ficarem mais atraentes e compatíveis com o gosto dos jovens – público alvo do breganejo.

3. Conclusão

Como foi visto “A caneta e a enxada” e “Lembrança de amor” diferem-se nos instrumentos musicais usados, no público alvo, na abordagem do tema e no tipo de ambiguidade lexical.

Ao abordarmos a ambiguidade lexical existente nas canções “A caneta e a enxada” e “Lembrança de amor”, nos referimos a metáforas aristotélicas, que são aquelas em que “a metáfora é uma ‘criação linguística’, pois a língua não é apenas veículo comum, ela é também um meio de despertar emoções e de as fazer surgir nos outros”, conforme o próprio Aristóteles diz.

Observa-se então que apesar de tratar-se de duas ramificações diferentes de um mesmo estilo musical, ambas apresentam ambiguidade lexical, mas que aparecem em níveis diferentes de entendimento. Enquanto uma apresenta uma ambiguidade lexical gerada por uma metáfora mais visível “Lembrança de amor”, a outra não deixa claro que se trata de ambiguidade e os interlocutores usualmente remetem-se ao sentido conotativo da canção (“A caneta e a enxada”).

A linguagem metafórica é, sem dúvida, uma das principais estratégias expressivas disponíveis na língua. A metáfora lexical, então, é entendida a partir dos padrões da palavra, pelos quais se estabelecem principalmente as relações de semelhança. Utilizar uma metáfora implica em empregar um termo em lugar de outro, seja como desvio, como um empréstimo semântico ou como uma substituição. Dessa forma, quando se entende a metáfora como figura de linguagem, vemos que, no âmbito da figura, a metáfora assemelha-se a uma imagem. Quanto a esta aproximação conceitual, Aristóteles afirma:

A imagem é igualmente uma metáfora; entre uma e outra a diferença é pequena. [...] Podemos empregar todas estas expressões quer como imagens, quer como metáforas. Todas as que saborearmos como metáforas servirão também manifestamente como imagens e as imagens, por sua vez, serão metáforas a que não falta senão uma palavra (ARISTÓTELES, 1959, p. 201).

Partindo desse pressuposto, observa-se a presença de ambiguidades em vários outros estilos musicais além do sertanejo abordado neste artigo. Entre outros destacam-se:

– Na Música Popular Brasileira

No dia em que a Terra parou (Raul Seixas)

E o aluno não saiu para estudar
Pois sabia o professor também não tava lá
E o professor não saiu pra lecionar

Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar
No dia em que **a Terra parou** (Ôôôô)

– No funk

Tremendo vacilão (Perlla)

Deu mole prá caramba
É um tremendo vacilão
Tá todo arrependido
Vai **comer na minha mão**

– No axé

É fogo (Harmonia do Samba)

Isso aqui vai **pegar fogo**
Temperatura sobe
É não tem como controlar
É fogo de alegria

– No pagode

Sai da minha aba (Só pra contrariar)

Se **dou a mão**, quer logo o pé
Isso me aborrece
Sai pra lá bicão, sai pra lá mané
Vê se desaparece
É toda a hora meu cumpadre
Quebra o galho aí

Acredita-se ainda, que esse recurso seja usado para dar um tom de humor às músicas e deixá-las mais próximas da linguagem cotidiana do povo, afinal, essa é uma das principais intenções da música, alegrar a vida das pessoas. Cada estilo musical é destinado a determinado público-alvo, e para atingi-lo é necessário que os autores usem uma linguagem mais próxima da realidade dessas pessoas, ainda sim, trata-se de um objeto de lazer e descontração, talvez por isso dispõem, em grande parte das músicas, de linguagem não tão formal, o que é mais acessível e usado no dia a dia. Infere-se, ainda, que a temática das músicas também muda: no sertanejo caipira os temas são comumente de problemas de amor ou de denúncia social e no breganejo a abordagem dá-se de forma diferenciada.

Nas músicas “A Caneta e a enxada” e “Lembrança de amor” foi possível perceber observar uma linguagem não tão rebuscada o

que torna as canções mais abrangentes. Em “A caneta e a enxada” foi vista uma metáfora aristotélica, usada não para descontração, mas para a realização de uma crítica social mais sutil. Em contraposição em “Lembrança de amor” observou-se uma linguagem ainda mais descontraída na qual as ambiguidades foram usadas para que a letra ficasse mais próxima da linguagem do público alvo do breganejo.

É o que afirma Letícia Vianna no artigo *Movimentos musicais e identidades sociais no contexto da cultura de massa no Brasil: uma reflexão caleidoscópica* (p 71): "Música é um complexo e diversificado lugar de interação social, criação e reprodução de representações que falam de culturas e identidades específicas".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA, J. M. *Problemas de linguística descritiva*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CHOMSKY, N. *Estruturas sintáticas*. Hague: Mouton, 1957.

_____. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Tradução Anabela Gonçalves e Ana Tereza Alves. Lisboa: Caminho, 1986.

Dicionário Michaelis – DTS Softwares Brasil Ltda.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1988.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002.

<http://acd.ufrj.br/~pead/tema11/oqueeambiguidade.html>

<http://brazilianguitar.net/index.php?showtopic=468&st=10>

<http://carlosabelheira.blogspot.com/2004/05/ambiguidade-visual-caveira-e-moa-no.html>

<http://dilsoncatarino.blogspot.com/2007/05/ambiguidade-semntica-x-ambiguidade.html>

<http://ilusaodeotica.com/>

<http://julianludwigcomposer.googlepages.com/equipe>

<http://letras.terra.com.br/>

<http://maciel.rogerio.sites.uol.com.br/outros/p1.jpg>

<http://potox.files.wordpress.com/2007/08/charge.jpg>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ax%C3%A9_music

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Funk>

http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica_sertaneja

<http://vestibular.uol.com.br/redacao/ult2826u17.jhtm>

<http://www.brasilecola.com/redacao/ambiguidade.htm>

<http://www.filologia.org.br/xcnlf/15/03.htm>

<http://www.reporterbrasil.org.br/images/articles/20070424familia>

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1878.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é linguística*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

www.klickeducacao.com.br/2006